

Mobilidade de renda entre gerações

Naercio Menezes Filho

Valor, 18.03.11

Parte importante do desempenho futuro das pessoas é determinada pelo ambiente familiar durante a infância

Apesar de ter declinado nos últimos anos, a desigualdade de renda continua muito elevada no Brasil. Uma parte dessa desigualdade reflete diferenças nas oportunidades que as pessoas têm para se desenvolver econômica e socialmente, enquanto a outra parcela advém do esforço e do talento. Enquanto o segundo componente pode ser considerado saudável, a desigualdade de oportunidades faz com que o sucesso na vida dependa da sorte de ter nascido em uma família com melhores condições. Qual a probabilidade de que uma pessoa nascida numa família pobre no Brasil consiga figurar entre os mais ricos na sua vida adulta?

Pesquisadores calculam regularmente a chamada "mobilidade intergeracional de renda" para vários países. Esse índice mostra a persistência do status econômico entre as gerações, ou seja, a correlação entre a posição dos pais e a dos filhos na distribuição de renda de uma sociedade. Em um período de crescimento econômico, é normal que os filhos atinjam um padrão de vida superior aos pais, mesmo entre os mais pobres. Mas, o importante para o índice de mobilidade não é que os filhos tenham um padrão de vida melhor do que o dos pais, mas sim que a posição dos filhos na distribuição de renda da sua geração independa da posição que os pais ocupam na sua. Dado que nascer em uma família rica é questão de sorte, um alto grau de mobilidade significa que as oportunidades de enriquecimento são iguais para todos.

Infelizmente, a mobilidade de renda ainda é muito baixa no Brasil. As últimas pesquisas disponíveis (com dados da década de 90) mostram que a probabilidade de um filho nascido entre as famílias 25% mais pobres atingir uma posição entre as 25% mais ricas é de apenas 5%. Por outro lado, os nascidos em famílias mais ricas têm 56% de chances de continuar na elite. Vale notar que os 25% mais ricos no Brasil são aqueles com renda familiar mensal acima de R\$ 2.500,00, ou seja, o que tradicionalmente chamamos de classe média. Vários estudos mostram que a mobilidade de renda no Brasil é uma das mais baixas do mundo, mesmo quando comparada com outros países em desenvolvimento, como Nepal, Paquistão, Peru e México. Essa desigualdade de oportunidades explica cerca de 1/3 da desigualdade de renda no Brasil. Mas, por que será que as oportunidades de enriquecimento são determinadas em parte pela sorte?

Isso ocorre porque o sucesso das pessoas em várias dimensões está relacionado com habilidades desenvolvidas quando ainda somos crianças. Pesquisas recentes (desenvolvidas pelo economista James Heckman e co-autores) mostram que uma parcela importante do desempenho futuro das pessoas é determinada pelo ambiente familiar nos primeiros anos de vida. É nessa época que são desenvolvidas habilidades como a autoconfiança, perseverança, sociabilidade e motivação, que são fundamentais para o empreendedorismo, por exemplo. Assim, crianças que nascem em famílias disfuncionais já chegam à escola com uma capacidade de aprendizado e desenvolvimento muito reduzida.

Mas, quando chegam à escola, as desigualdades entre as crianças brasileiras são em muito ampliadas, na medida em que as famílias mais ricas podem pagar para colocar seus filhos em escolas privadas, enquanto as famílias mais pobres têm que se contentar com a escola pública, geralmente de péssima qualidade. Há várias iniciativas para aumentar as oportunidades das crianças que estudam em escolas públicas. Algumas subsidiam o estudo dos alunos mais promissores em escolas privadas, outras operam redes de escolas com gestão privada sem cobrança de mensalidade. No ensino superior, a Unicamp lançou recentemente o Profis (Programa de Formação Interdisciplinar Superior), que seleciona, com base na nota do Enem, um aluno de cada escola pública de Campinas para cursar o ensino superior na instituição.

Apesar de meritórios, esses programas dificilmente terão impacto nos índices de mobilidade intergeracional, pela sua pequena escala e por selecionar apenas os alunos que já têm alto desempenho. O aumento da mobilidade de renda tem que passar pela melhoria da qualidade da educação nas escolas públicas. O problema é que, mesmo que descobríssemos a fórmula mágica para melhorar a qualidade do ensino público, isto não seria suficiente para igualar as oportunidades, pois as escolas, em grande parte, reproduzem as desigualdades que vem das famílias. Várias das políticas que aumentam a qualidade do ensino aumentam mais o aprendizado dos alunos que já são mais habilidosos.

Em suma, com o avanço educacional dos últimos anos o Brasil deu um passo importante para melhorar as oportunidades para as famílias mais pobres. A desigualdade de escolaridade foi reduzida e com isso a desigualdade de renda também declinou. Mas, é necessário melhorar a qualidade da escola pública e investir em políticas públicas que melhorem as condições de vida das crianças nos seus primeiros anos de vida, com a ajuda dos pais. Só assim o sucesso de uma pessoa no Brasil deixará de depender também da sorte.

Naercio Menezes Filho, professor titular - Cátedra IFB e coordenador do Centro de Políticas Públicas do Insper, é professor associado da FEA-USP e escreve mensalmente às sextas-feiras naercioamf@insper.edu.br